

CUNHA, Manuela Carneiro da (org.) (2009). *Tastevin, Parrissier: Fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá*. Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI. (Série Monografias). Pp. 247. ISBN 978-85-85986-23-0

Organizado por Manuela Carneiro da Cunha, o volume *Fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá* contém textos anteriormente inéditos em português de autoria dos missionários espíritanos franceses Jean-Baptiste Parrissier (1856-1931) e Constantin Tastevin (1880-1958) e corresponde ao segundo título da “Série Monografias”, criada pelo Museu do Índio para a divulgação de pesquisas históricas e etnológicas sobre os povos indígenas. O primeiro livro da série (resenhado no décimo número de *LIAMES* 2010:141-143) intitula-se *Tastevin e a etnografia indígena. Coletânea de traduções de textos produzidos em Tefé (AM)* e sua organização ficou a cargo de Priscila Faulhaber e Ruth Monserrat.

Assim como a reunião de textos de Tastevin sobre a região de Tefé, *Fontes sobre índios e seringueiros do Alto Juruá* engloba documentos preciosos para a história indígena e para a memória da exploração científica e econômica da região amazônica em uma edição muito bem cuidada. Entre as páginas 238 e 243 encontram-se reproduções de mapas compostos por Tastevin, cuja qualidade recebeu merecido reconhecimento da comunidade científica de sua época. Encerrando o volume, há uma abrangente bibliografia arrolando 57 publicações do missionário-pesquisador.

Precisa e esclarecedora, a introdução escrita por Manuela Carneiro da Cunha (“Tastevin, Parrissier: algumas fontes espíritanas para a História do Alto Juruá”) estende-se da página XI a XXI e nos familiariza com o mundo de Parrissier e Tastevin, apresentando-nos a história de sua ordem religiosa (que passa a ter ‘jurisdição’ sobre o Alto Juruá em 1912), a sua formação acadêmica, os seus métodos de trabalho e os vieses que, inevitavelmente, marcaram sua atuação combinada (e, como se poderia esperar, mais contraditória que complementar) de missionário e etnógrafo-linguista. No caso específico de Tastevin, que foi parceiro de Paul Rivet (1876-1958) em vários artigos científicos, Manuela Carneiro da Cunha ressalta que “o Tastevin que se quer explorador ou linguista adota uma prosa totalmente diferente da do Tastevin missionário” (p. XVI). Para desempenhar suas atividades de missionário, ele dependia do apoio dos seringalistas, a quem elogia em diversos momentos. Mas, como nota Manuela Carneiro da Cunha, “os acontecimentos que narra falam por si, e frequentemente a história que contam está na contramão do relato oficial” (p. XVII).

Entre 1897 e 1898, o missionário da Congregação do Espírito Santo Jean-Baptiste Parrissier realizou uma expedição ao Alto Juruá. O relato dessa viagem permaneceu inédito até a publicação da tradução portuguesa do manuscrito (elaborada por Nicolás Niymi Campanário e acompanhada por notas de Manuela Carneiro da Cunha) nas páginas 1 a 60 deste segundo volume da “Série Monografias”. Com o título de “Seis meses no país da borracha, ou excursão apostólica ao Rio Juruá, 1898”, o texto de Parrissier retrata os costumes regionais com riqueza de detalhes e ganha relevância extra por representar a primeira descrição conhecida do Alto Juruá.

Infelizmente, sua abordagem dos índios Paumari e Amuaca fica distante de apresentar rigor científico, servindo, por outro lado, para nos levar a conhecer o que os intelectuais

européus de seu tempo queriam saber acerca dos habitantes das selvas amazônicas. Muitas de suas linhas transparecem o etnocentrismo daquela época, que tomava os brancos como referencial de beleza, de inteligência, de engenhosidade e de civilidade: “esta casca pouco graciosa de caboclo, filho de índio” e “negro, mas muito inteligente, apesar de não saber ler nem escrever” (p. 2). (Aliás, os brancos católicos, como torna evidente o antissemitismo declarado expresso no último parágrafo da página 24). Ainda assim, ele denuncia os massacres promovidos pelos “vândalos europeus” em busca das riquezas amazônicas e se esforça por desmentir a propalada imagem da ferocidade gratuita e intrínseca dos indígenas, assegurando que sua hostilidade nasceu como resposta às atrocidades cometidas pelos brancos (p. 53 e seguintes). Em outras passagens, o que sobressai é a incapacidade do missionário francês de compreender a cultura dos ribeirinhos, comparados a tartarugas (na página 27) e condenados por seu hábito de “fica[r] cuspiendo em todas as direções” (p. 24).

Parrissier voltou para a França em agosto de 1902 e, nos três anos seguintes, produziu registros de suas expedições e esboços de artigos sobre questões indígenas, que seguem inéditos. Manuela Carneiro da Cunha (p. XIII) nos informa que Henrique Wennick em *Os espiritanos no Brasil 1885-1950* fornece uma relação desses manuscritos que se encontram no arquivo espiritano de Chevilly-la-Rue.

Ao contrário dos textos de Parrissier, os trabalhos de Tastevin ganharam circulação, conferindo-lhe notoriedade tanto entre seus colegas missionários-pesquisadores quanto em meio à comunidade dos sul-americanistas. Dos oito textos de Tastevin presentes na coletânea em foco, cinco saíram originalmente em revistas ligadas às missões católicas. Frequentaram as páginas de *Les Missions Catholiques* as versões em francês de “Na Amazônia (Viagem ao Alto Juruá e ao Rio Tejo), 1914”, “No Môa, nos limites extremos do Brasil e do Peru, 1914” e “Entre os índios do Alto Juruá, 1924”, enquanto a de “Os Kachinawas comedores de cadáveres, 1925” foi estampada nos *Annales Apostoliques* e a de “Sobre os rios da Amazônia, 1926” saiu em *Le Lys de St. Joseph*. Em *La Géographie* foram publicadas as versões originais de “O rio Muru: seus habitantes, crenças e costumes Kachinawá, 1925”, de “O Alto Tarauacá, 1926” e de “O Riozinho da Liberdade, 1928”.

Um Tastevin dividido, mas sempre coerente na sua condenação veemente das atividades do Serviço de Proteção aos Índios (a que se refere desdenhosamente como “a catequese positivista”), de um lado faz referência às “justíssimas represálias dos brancos contra as façanhas cruéis dos índios” (p. 149) e de outro denuncia com revolta e tristeza autênticas o genocídio de numerosos povos indígenas. A superposição das figuras do etnógrafo e do missionário mistura, muitas vezes, registros cuidadosos dos costumes e narrativas tradicionais indígenas a um indisfarçável etnocentrismo. Nas páginas 112 e 113, por exemplo, podemos acompanhar uma descrição minuciosa da tatuagem distintiva dos Katukina e da maneira de confeccioná-la (“uma linha azul que desenha os contornos da boca, e que, do canto dos lábios, se junta à base da orelha [...] Para traçar estas linhas, que têm uma regularidade perfeita, eles se servem de um longo espinho da palmeira pupunha [...] e derramam na picada o suco da fruta”) encerrada por palavras que vem a desqualificar a tradição indígena: “depois que eles entraram em contato com os brancos, em torno de 1888, os Katukina abandonaram este costume bárbaro.” Não por acaso, o Tastevin missionário julga os “feiticeiros” indígenas uns impostores, cuja influência deveria ser erradicada (v. p. 119).

O Tastevin pesquisador, por sua vez, empreendeu registros da flora e da fauna que valem a um só tempo como retrato de uma floresta amazônica ainda consideravelmente preservada e da maneira de se fazer ciência em seu tempo. Também os procedimentos empregados em suas pesquisas linguísticas (que gozaram de prestígio entre os sul-americanistas) têm espaço nessa coletânea. Ficamos sabendo, na página 68, que Tastevin obteve um vocabulário Capanaua com uma índia casada por ele com um branco, quando se deslocava pelo rio Tejo. Mais adiante, na página 119, recebemos notícias acerca de coletas de vocabulário junto aos Wani-nawa. Tais vocabulários serviam prioritariamente para possibilitar a distribuição das línguas em famílias linguísticas e constituíam o primeiro passo no estudo científico das línguas sul-americanas no começo do século XX.

Fosse por desinteresse (como apontou Manuela Carneiro da Cunha, v. p. XVIII), fosse por impossibilidade, Tastevin não chegou a dominar as línguas indígenas que documentou e tampouco a reunir narrativas tradicionais nessas línguas, então vistas pelos principais nomes da comunidade dos sul-americanistas, a exemplo de Theodor Koch-Grünberg (1872-1924), como a porta de acesso à ‘verdadeira língua’. Em sua defesa, poderíamos utilizar as palavras do próprio Tastevin na conclusão de “O rio Muru: seus habitantes, crenças e costumes Kachinawá”: “Este esboço é seguramente muito imperfeito. Eu o ofereço ao público com todos os seus defeitos, para que os curiosos do americanismo possam, o mais cedo possível, utilizar os dados, e também por medo de perdê-los para sempre, na vida perigosa e aventureira que tem o missionário nestes países estranhos”.

Esperamos que a “Série Monografias”, de indiscutível qualidade, possa continuar a oferecer ao público trabalhos significativos para a história da etnografia e da linguística indígena brasileiras.

Beatriz Christino Protti
(UFRJ)

Recebido: 30/11/2011

Versão Corrigida: 30/1/2012

Aceito: 1/3/2012